

DISPOSITIVOS E O CONTEMPORÂNEO: O USO DOS CONCEITOS DE AGAMBEN COMO FERRAMENTAS DE ANÁLISE PARA A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Autor; João Marcos Fernandes da Silva; Coautor; Joyce da Silva Cruz de Mendonça; Coautor; Francinalda Maria da Silva; Orientador; Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

Universidade Estadual da Paraíba – Fernandes.120596@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – joycedscm1996@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – francinaldageografia@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – carlos.adriano.lima@gmail.com

Resumo: O filósofo Giorgio Agamben discute os conceitos de “*Contemporâneo*” e “*Dispositivo*” numa leitura que perpassa Hegel, Foucault, Platão, Aristóteles, Hyppolite, Friedrich Nietzsche, Mandel’stam entre outros pensadores. Trabalhando numa perspectiva para a educação étnico-racial, propomos um diálogo entre os conceitos discutidos por Giorgio Agamben, em sua obra intitulada: “O que é o contemporâneo? E outros ensaios” (2009), com o filme “*Quilombo*” de 1984, que nos traz uma representação da resistência negra à escravidão no Nordeste do Brasil no século XVII. Tendo o objetivo de buscar nesta relação, contribuições para o ensino da história das resistências e da cultura negra no território brasileiro, procedemos metodologicamente, adotando os conceitos discutidos por Agamben, como ferramentas de análise, no diálogo entre o filme e o ensino étnico-racial. Encontrando perpetrado nestes a coexistência do Contemporâneo e dos dispositivos.

Palavras-chave: Contemporâneo; Dispositivo; Étnico-racial; Quilombo.

Introdução

As bases da educação brasileira possuem forte substrato eurocêntrico. Ao analisarmos a historiografia do ensino de História na educação básica, percebemos as práticas de resistência com relação ao ensino de história da África, afro-brasileira e indígenas. Conforme podemos observar:

O ensino de História na escola primária precisava assim integrar setores sociais anteriormente marginalizados no processo educacional sem, contudo, incluir nos programas curriculares a participação deles na construção histórica da Nação. Para a maioria dos educadores que concordavam com a escolarização das classes populares, a História a ser ensinada, desde o primeiro ano escolar, aos trabalhadores livres que emergiam em substituição aos escravos deveriam inculcar determinados valores para a preservação da ordem, da obediência à hierarquia, de modo que a Nação pudesse chegar ao progresso, modernizando-se segundo o modelo dos países europeus. (BITTENCOURT, 2009, p.64)

Entretanto, nos últimos anos, a educação brasileira vem experimentando de forma vagarosa, novas perspectivas de abordagens de conteúdos, principalmente no ensino de história. Resultado de um longo processo de lutas, organizadas por grupos étnico-raciais que desempenharam papéis importantes na construção da nossa identidade nacional. Porém, ainda

apresenta um ínfimo resultado da representação das pessoas negras e indígenas nas narrativas históricas do nosso país.

Desde o início do século XX havia reconhecimento da importância da pessoa negra e indígena para a construção da identidade nacional brasileira. Os capítulos IV e V da obra de Gilberto Freyre, “*Casa Grande e Senzala*” (1933), são destinados para falar do legado africano no imaginário e nas práticas cotidianas e mesmo nas características físicas dos indivíduos e no sincretismo religioso.

Na ternura, na mimica excessiva. No catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo o que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. (FREYRE, 1933, p. 367).

Ainda que haja controvérsias que permeie o legado de Gilberto Freyre, por razão do seu lugar de fala e do seu romantismo com relação à escravidão, seu pensamento contribuiu de forma significativa para a historiografia brasileira. Ele não atribui protagonismo a pessoa negra ou indígena nessa relação, pelo contrário, em sua narrativa, estes são representados como agentes passivos. Olhamos para a sua produção de forma crítica, porém com toda reverência que lhe seja digna. Neste contexto, usamos sua produção como fonte para verificar que naquele momento, já era conhecido que a identidade brasileira fora construída a partir da relação e do diálogo entre as culturas e que cada brasileiro carrega a influência da cultura africana e indígena, seja nas práticas cotidianas ou no imaginário.

Discordamos de Freyre no tocante a passividade das pessoas negras e indígenas na relação com as pessoas brancas para a formação da identidade brasileira. Não compreendemos que o europeu seja o protagonista desta história e que ele tenha apenas, assimilado algumas características das culturas africanas e indígenas. Muito menos que essa assimilação tenha acontecido de forma espontânea. Acreditamos que houve resistência por parte dos indígenas e dos africanos, para preservarem suas culturas, assim como houve também por parte dos portugueses, para manterem sua cultura pura. Não somos o brasileiro que tem em si intrinsecamente as características do europeu e apenas a influência do africano e do indígena, somos o sujeito que nasce da relação entre estes três povos, somos nós, os brasileiros.

Como resultado das lutas dos grupos étnico-raciais, houve a sanção da Lei 10.639/03¹, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as instituições educacionais, públicas e privadas, abrangendo o Ensino Fundamental e Médio.

¹ Sancionada em 9 de janeiro de 2003, pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, torna obrigatório a inclusão da temática “História e cultura Afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.

No entanto, tornar obrigatório a introdução de temáticas afro na educação, não foi suficiente para redirecionar a educação para longe de uma perspectiva eurocêntrica. Rosemeire dos Santos ressalta sobre as barreiras sociais:

Quando as resistências a Lei 10.639/03 surgem, não podemos esperar que haja um consenso de que embora a lei seja uma questão curricular, ela é também uma questão sociocultural, uma vez não dispomos de meios que nos permita afirmar ter havido as discussões necessárias para esse entendimento. A história nos permite inferir que apesar de aparente serenidade racial brasileira, esse é um assunto que quando seriamente discutido, com todos os integrantes da comunidade escolar, pode suscitar mal estar, principalmente porque a parcela da sociedade brasileira não reconhece a existência de preconceito racial no país. Sendo assim não é bastante criar uma lei quando ela parece não vir de encontro às necessidades reais. (SANTOS, 2010, p.48)

Há necessidade que haja um maior investimento de tempo no ensino de temáticas étnico-racial nas salas de aula, por parte dos professores, com objetivo de formar cidadãos conscientes, que respeitem as diferenças em um país onde a miscigenação foi um elemento base na sua construção. É importante que o educador compreenda esta carência e vise um ensino que auxilie a desconstrução dos preconceitos que, há séculos foi perpetrado pelos europeus no imaginário dos brasileiros, causando julgamentos etnocêntricos. Entretanto, muitos professores ainda estão submersos nesse mar de águas turvas do eurocentrismo. Destaca Francilene Brito da Silva, em sua análise da produção audiovisual “*Kiriku e a Feiticeira*” (2010), do Michel Ocelote. “Uma professora disse que não exibia o filme na sala porque achava que os estudantes iriam reagir de forma negativa pelo fato de trazer imagens de africanas/os nuas/us ou porque não sabia abordar essa questão racial” (SILVA, 2010, p. 4).

Tendo em vista as dificuldades que permeiam a educação étnico-racial, decidimos trabalhar um filme que representa o protagonismo da pessoa negra em uma sociedade escravocrata. “*Quilombo*” é um filme que pode ser usado como recurso didático para auxiliar na produção de conhecimentos sobre a riqueza cultural, linguística e religiosa dos africanos; o modo de vida dos negros escravizados, formas de resistência, anseio de liberdade, relações entre as pessoas negras, os indígenas e os brancos europeus; e sobre a organização do quilombo de Palmares. Vale ressaltar que, por mais que nos distanciemos das narrativas eurocêntricas, suas cordas ainda mantêm certo controle sobre os nossos dedos, nas escolhas de abordagens e temas.

Decidimos também, trabalhar com a obra do filósofo italiano Giorgio Agamben, como referente teórico para análise do filme. Através das discussões de Agamben, tentamos observar os conceitos de Contemporâneo e Dispositivo, propostos pelo mesmo. Da mesma forma objetivamos a relação entre os conceitos com a prática da educação étnico-racial,

especificamente na aplicação do filme “*Quilombo*” como recurso didático, para o debate em sala.

A partir do momento que utilizamos um filme como recurso didático, faz-se necessário falarmos sobre o uso das novas tecnologias empreendidas como suportes e meios possíveis no processo de aprendizagem. Nas primeiras décadas do século XXI, a sociedade tem ficado permeada de dispositivos midiáticos, reprodutores e produtores de conteúdo e sentido. Agamben atribui este acontecimento ao capitalismo. Devemos nos apropriar destes dispositivos e usa-los como Objetos de Aprendizagem (OAs). Em dispositivo de exibição e projeção de conteúdos audiovisuais, tais como, aparelhos de DVDs, Blu-rays, Streaming via smartphone, computadores dependendo da realidade de cada espaço de Aprendizagem temos a facilidade de selecionar ou adiantar cenas, apresentando para os alunos as partes que mais se relacionam com o tema abordado.

Algumas publicações sugerem métodos de análise de filmes nas escolas. Muitas delas indicam filmes que possam complementar os conteúdos das aulas. Uma proposta mais complexa foi apresentada por Carlos Vesentini. Para esse historiador, os filmes podem ser considerados como textos e, nessa condição, podem sofrer recortes e ser representados não integralmente aos alunos, mas apenas as partes que mais interessam ao tema tratado. (BITTENCOURT, 2009, P.377)

DISPOSITIVO E CONTEMPORÂNEO: análise dos conceitos de Agamben

“*O que é o contemporâneo? E outros ensaios*” (2009), é uma publicação de Giorgio Agamben, traduzida para o português por Vinicius Nicastro Honesko, publicada pela editora Argos no ano de 2009 em Chapecó- Sc. Corresponde aos textos publicados os conceitos de Dispositivo, Contemporâneo e Amigo, numa leitura que perpassa vários pensadores. Os três temas constituem uma obra, a partir da qual refletiremos sobre o uso dos dispositivos que subjetivam o humano e dessubjetivam os sujeitos subjetivados na relação de poder do governo para com o povo e sobre o Contemporâneo, aquele que consegue enxergar através de um exercício anacrônico – da dissociação de si, do tempo em que vive – o seu próprio tempo e ao mesmo tempo, dele fazer parte.

Agamben discute sobre três conceitos em sua obra, sendo que para nossa análise optamos por dois. Levando em consideração o que os grandes pensadores já haviam falado sobre os tais, ele faz uma releitura sobre os temas, propondo um significado para eles e mostrando como os três se relacionam e servem de suporte para a política. No presente artigo

abordaremos os dois primeiros temas, Dispositivo e Contemporâneo. Ele dispõe de uma leitura Foucaultiana, ou seja, através da relação de poder o governo se utiliza dos dispositivos para exercer suas políticas sobre os governados, mas o que são os dispositivos? Para quê servem?

De acordo com Agamben, Foucault não atinge a plenitude da explicação do que seja o dispositivo, mas seria uma rede de elementos carregados de significados e que podem ser usados como arma estratégica nas relações de poder. O dispositivo é por assim dizer, tudo que transmite algum tipo de informação ou que restringe a elas. Em certo momento Agamben recorre a outras abordagens, propondo outro prisma na investigação do que seja o dispositivo.

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (AGAMBEN, 2009, p. 40)

Em certo momento é apresentada a ideia do sujeito, que seria o resultado da relação dos dispositivos com o ser vivente (ou substâncias), como propõe Agamben. Este sujeito estaria em constante subjetivação e dessubjetivação pelo incessante diálogo com os dispositivos. Os dispositivos modelam, contaminam, controlam a realidade dos indivíduos. Os dispositivos existem desde a “pré-história”, mas poderíamos considerar nosso momento como o apocalipse dessubjetivado, pela imensa quantidade de dispositivos que transformou os seres viventes em seres que não são mais subjetivados, mas dessubjetivado, pois não é possível levar o indivíduo novamente ao seu estado inicial. Nas palavras de Agamben: “Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos” (2009, p. 41)

O conhecimento sobre os dispositivos e a sua capacidade de subjetivação, pode causar desconfortos, pois o sujeito descobre que o que lhe era natural foi capturado e o que ele é agora é o que Agamben chama de resultado da relação corpo a corpo entre a substância e os dispositivos. Como reverter essa “mutação”? É possível destruir os dispositivos ou usá-lo da forma correta? Para o autor seria ingenuidade pensar desta forma, já que é impossível o sujeito voltar ao seu estado natural e não interagir com nenhum tipo de dispositivo, visto que até mesmo a linguagem faz parte do que denominar-se dispositivo.

Não seria provavelmente errado definir a fase extrema do desenvolvimento do capitalismo que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos. Certamente, desde que apareceu o homo sapiens havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo. De que modo, então, podemos fazer frente a esta situação, qual a estratégia que devemos seguir no nosso cotidiano corpo a corpo com os dispositivos? Não se trata simplesmente de

destruí-los, nem, como sugere alguns ingênuos, de usa-los de modo correto. (AGAMBEN, 2009, P. 42)

O autor trabalha também o conceito de Contemporâneo, dispondo aqui de uma leitura nietzschiana para contextualizar sua análise. Há uma problemática com o tempo com relação à contemporaneidade, o ser contemporâneo deve ter a habilidade de conseguir emergir ao seu tempo ao mesmo tempo em que nele está submerso, de ter a capacidade de romper os grilhões e olhar além da realidade aparente.

A contemporaneidade, por tanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, P. 59)

Agamben recorre a uma poesia do início do século XX, de Osip Mandel'stam² intitulada “*O século*”, que de forma alegórica situa o contemporâneo na quebra desse tempo disforme, que olha para o contemporâneo como quem olha para trás. Esse devir do tempo contemporâneo ainda é comparado com a moda, que se desfaz rapidamente no seu tempo efêmero. A ilusão do presente se repete a cada instante e quando pensamos que estamos nele, dele já passamos fugazmente. Talvez seja esta fluidez apressada do tempo que permita-nos olhar para o contemporâneo.

O poeta, que devia pagar a sua contemporaneidade com a vida, é aquele que deve manter fixo o olhar nos olhos do seu século-fera, soldar com o seu sangue o dorso quebrado do tempo. Os dois séculos, os dois tempos não são apenas, como foi sugerido, o século XIX e o XX, mas também, e antes de tudo, o tempo da vida do indivíduo (lembre-se que o latim *saeculum* significa originalmente o tempo da vida) e o tempo histórico coletivo, que chamamos, nesse caso, o século XX, cujo dorso – compreendemos na última estrofe da poesia – está quebrado. O poeta, enquanto contemporâneo, é essa fratura, é aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve saturar a quebra. (AGAMBEN, 2009, P. 60-61)

Análise do filme

Desta forma, apresentados os conceitos norteadores de nossa reflexão, propomos a leitura analítica da produção audiovisual “*Quilombo*”, escrita e dirigida por Cacá Diegues, produzida por Augusto Arraes, de coprodução brasileira e francesa, lançada no ano de 1984. Representa o protagonismo da pessoa negra na luta pela liberdade, no Brasil escravocrata do

² Poeta russo que viveu na passagem do século XIX para o XX (1891-1938). Foi preso pelo governo de Stalin acusado de traição, após fazer um poema – epigrama de Stalin – que descrevia o clima de medo instaurado pelo stalinismo, morreu durante sua segunda prisão, sendo a causa da morte, uma doença não especificada.

século XVII. Simboliza em Dandara e Acotirene - representadas pelas atrizes, Zezé Motta e Alaide Santos - a força, as habilidades e a sabedoria da mulher negra, e retrata as relações interculturais entre brancos, nativos (índios) e negros. Além de fazer uma ótima leitura e representação da organização do Quilombo de Palmares

A partir da análise dos conceitos de Agamben e através da narrativa audiovisual de Cacá Diegues, podemos verificar vários dispositivos presentes na realidade das pessoas negras representadas no período do Brasil colonial. Se para Agamben o sujeito é o resultado da relação corpo a corpo do ser vivente com os dispositivos, o escravo é, então, o sujeito da forçada subordinação do negro através dos mecanismos de poder monopolizados pelo homem branco. Da mesma forma a realidade do homem branco também é modificada pela interação com os dispositivos.

Desde o início, a obra audiovisual de Cacá Diegues representa o que pela perspectiva de Agamben podemos chamar de dispositivos, aqueles que subjetivam e dessubjetivam o ser vivente. O enredo começa com a tortura de um negro escravizado (min 2:18), torturado com um cepo, peça de madeira composta de duas partes, presas por duas peças de metal nas extremidades, na qual estava preso pelos punhos e pescoço e enquanto outro negro - também escravizado - ajustava as peças de metal nas extremidades, a personagem da sinhá representada pela atriz Thelma Reston, lia o manual do instrumento que o tirava à vida. Provavelmente o negro deveria estar sofrendo o castigo por algum ato de desobediência, ou simplesmente para servir de exemplo para os demais.

Foucault assim mostrou como, numa sociedade disciplinar, os dispositivos visam, através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, à criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem sua identidade e a sua 'liberdade' de sujeitos no próprio processo do seu assujeitamento. Isto é, o dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo. (AGAMBEN, 2009, P. 46)

A narrativa segue com a revolta de um grupo de escravizados que trabalhavam em um engenho de açúcar em Pernambuco, por volta de 1650, enquanto existia uma guerra entre Holanda e Portugal, pelo controle da região. Os revoltosos matam o senhor do engenho e um grupo de soldados que viera a mando do governador da capitania de Pernambuco, com a finalidade de destruir o Quilombo dos Palmares. O grupo de negros, escravizados tornam-se então fugitivos, eles se dividem, enquanto alguns procuram um meio de voltar para a África, outros vão buscar refúgio em Palmares.

O quilombo de Palmares tinha sua organização parecida com os reinos africanos, levando em consideração as modificações e o diálogo cultural exercido pela relação com os dispositivos, com os quais os negros tiveram contato ao longo da trajetória enquanto livres, capturado, subjetivado e dessubjetivado pelos mecanismos de escravização e cristianização. Diegues expressa de modo satisfatório as relações interpessoais no quilombo. Na representação do cineasta brasileiro, além das pessoas negras – que era a maioria -, nativos e brancos – poucos brancos habitavam realmente o quilombo, mas estes mantinham relações que beneficiavam ambos – como o exemplo de Ana de Ferro que passa a ser conselheira de Ganga Zumba.³

O cotidiano do quilombo é representado com esmero. Vê-se as divisões das tarefas, a agricultura de subsistência, o compartilhamento de alimentos, o trabalho dos anciãos ao repassar o conhecimento às crianças (min 19:57). As lutas para defender o quilombo das investidas dos homens brancos e manter a forma de liberdade que o ambiente e o contexto lhes oferecem são constantes. Perpassado pelos dispositivos que transformam a realidade e o conhecimento de si. O contemporâneo é introduzido a partir do momento em que a pessoa negra submerge dessa sociedade escravocrata e julga a realidade, tentando restaurar o modo de vida em que estava inserido antes de ser capturado e escravizado. Sendo impossível voltar a ser o que era antes, cria novas formas de si, das relações e das perspectivas pelas quais enxerga a realidade que foi transformada.

Considerações finais

Se direcionarmos as lentes de Agamben para a educação, poderemos encontrar muitos dispositivos que facilitam/dificultam o ensino étnico-racial. O professor como agente cultural fica encarregado de facilitar a introdução destes na sala de aula e auxiliar os alunos que já conhecem uma das formas de dispositivos midiáticos, para encontrar nestes, fins pedagógicos.

[...] Educomunicação é um conceito ou metodologia pedagógica que propõe o uso de recursos tecnológicos modernos e técnicas da comunicação na aprendizagem, ou seja, é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar, que pode ser desenvolvida com estudantes de qualquer idade e utilizada por professores de qualquer área. (PINHEIRO, 2011. p.15)

³ Filho da princesa Aqualtune e tio de Zumbi dos Palmares. Considerado o primeiro rei do quilombo de Palmares, Ganga Zumba nasceu no reino do Congo, foi vendido como escravo e enviado ao Brasil. Fugiu da fazenda em que trabalhava junto com um grupo de pessoas negras, buscou refúgio em núcleos onde os escravos que fugiam se reuniam para tentar viver em liberdade. Liderou Palmares entre 1670-1678.

Não basta apenas munir-se de vários dispositivos que facilitem o ensino, faz-se necessário também, tornar-se contemporâneo do que se pretende ensinar. É este sentimento de fazer parte da história, ao mesmo tempo, que dela se distancia para poder enxergá-la, que apreende a atenção, que nos toca e direciona nosso julgamento de importância. Através de dispositivos midiáticos podemos transmitir a obra audiovisual de Diegues para os alunos que, pelo diálogo com conhecimentos sobre os resquícios da cultura africana no seu cotidiano, podem tornar-se contemporâneos, daquilo que estudam.

Se tornar consciente da necessidade de introduzir o ensino étnico-racial nas salas de aula, é conseguir enxergar que estamos submersos em uma sociedade plural, que ao mesmo tempo tem seu imaginário permeado pela perspectiva europeia. Este é o exercício que o professor precisa refletir: tornar-se contemporâneo de seu tempo, das questões que norteiam o ensino étnico-racial para perceber as necessidades e buscar por meio dos dispositivos, métodos de ensino que interajam com os alunos, tornando-os sujeitos questionadores da estruturação da sociedade atual. Possibilitando uma relação com o que contextualize e problematize o legado eurocêntrico no ensino.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009. P.25-72.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREYRE, Gilberto. O Escravo Negro na Vida Sexual e de Família do Brasileiro. In: **Casa-grande & senzala**. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. P.366-497.

PINHEIRO, Maria Marly. **A produção audiovisual como ferramenta de aprendizagem**. UniCEUB. Brasília/DF. 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/gioPU>. Acesso em 30 Ago. 2018.

QUILOMBO. Produção: Augusto Arraes. Escritor e diretor: Carlos Diegues. Gênero: Drama. Co-produção brasileira e francesa de 1984. Tempo: 119 min. Disponível em: <encurtador.com.br/ejty2>. Acesso em 26 Ago. 2018

SANTOS, Rosemeire dos. **A lei nº10639/03: Entre práticas e políticas curriculares**. História & Ensino, Londrina, v. 16, n. 1, p.41-59, 2010. Disponível em: <encurtador.com.br/rwL24>. Acesso em 29 Ago. 2018.



SILVA, Francilene Brito da; BOAKARI, Francis Musa. **Kiriku e a Feiticeira:** Multiperspectivas pedagógicas do olhar. VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Piauí, 2010, p.1-12. Disponível em: < encurtador.com.br/gvS39>. Acesso em 30 Ago. 2018.